

O SUICIDANTE DO MORALEDA

TRADUZIDO POR MARA GONZALEZ BEZERRA & MARY ANNE WARKEN SOARES SOBOTTKA 233

RECEBIDO EM: 10/03/2018

ACEITO EM: 20/05/2018

PUBLICADO EM: julho 2018

EL SUICIDANTE DEL MORALEDA



Aldo ASTETE CUADRA¹
Chile

Traduzido por:
Mara Gonzalez BEZERRA²
Universidade Federal de Santa Catarina

Mary Anne Warken Soares SOBOTKA³
Universidade Federal de Santa Catarina

Figura 1. Ilustração El suicidante del Moraleda



O conto *O Suicidante do Moraleda*⁴ traduzido da língua espanhola, na variante chilena, para a língua portuguesa, do escritor Aldo Astete Cuadra (1978) cujo título original é *El suicidante del Moraleda*, foi publicado pela Austrobórea em 2017 na coletânea *Chile de Terror*. O autor é professor e mestre em Literatura Hispano-americana. A sua concepção do terror tem origem no resgate das lendas narradas pelos moradores da região do sul do Chile. A partir desses temas autóctones desenvolveu a sua narrativa povoada de mitos, tradições próprias do Chile, e recontados de forma que sugira o medo, o irreal e a angústia. Ao escrever habitualmente textos cuja tônica é o horror, Aldo desenvolveu uma variação do gênero ao qual denominou *Terror Lárico*⁵. Ele também é o editor e diagramador das editoras Austrobórea Editores e Sur Umbral Ediciones. A edição em que este conto está inserido foi totalmente dedicada ao terror, e é distribuída principalmente nos países de fala hispana. Ela foi organizada por Paulo Lehmann (1976-), escritor e jornalista chileno, e conta com um posfácio assinado pelo poeta Thomas Harris (1956-).

Sobre o projeto idealizado para esta tradução, se fará um breve comentário. A narrativa propicia o efeito de suspense a que se propõe o autor a partir da inserção de elementos reais e sobrenaturais no texto. O conto traduzido é um vislumbre dos mitos e histórias do imaginário chileno, e tomamos as palavras de Thomas Harris⁶ para descrever “hay un horror lovecraftiano lárico, situado en el confín del mito, es sur, pero que a la vez, nos habla de situaciones contingentes que sufren los habitantes del sur, con sus mitos, sus ritos, sus horrores y sus deseos”. Este viés é mantido durante a tradução, o que permite ao leitor múltiplos pontos de vista sobre o fim do conto.

Um rápido comentário a respeito da tradução será sobre as escolhas lexicais envolvendo as palavras *verdá* e *usté*, ambas recriam a oralidade do discurso na própria língua espanhola desenvolvida em um dos diálogos. Os rasgos sociolinguísticos estão presentes e são respeitados na tradução no que se refere ao diálogo entre os personagens. Cabe salientar que optamos pelo uso literal de *verdá* porque remete o significado para o leitor, e para *usté*, usamos *cê*, porque demonstra que o personagem reproduziu uma marca da oralidade. A tradução do título foi também um momento de pesquisa e reflexão, e optamos em manter o léxico *suicidante*, uma vez que tem o mesmo entendimento lexical na língua de chegada. O título é importante porque não foi colocado em uma posição de adaptação, mas antecipa elementos importantes para o leitor inferir um suspense anunciado e ao mesmo tempo uma apresentação e motivação que fazem parte do gênero terror desenvolvido pelo escritor. Desejamos a você uma boa leitura!

O SUICIDANTE DO MORALEDA

*EL SUICIDANTE DEL MORALEDA*⁷



Autor:
Aldo Astete Cuadra

Traduzido por:
Mara Gonzalez BEZERRA
Universidade Federal de Santa Catarina

Mary Anne Warken Soares SOBOTTKA
Universidade Federal de Santa Catarina

236

<i>EL SUICIDANTE DEL MORALEDA</i>	O SUICIDANTE DO MORALEDA
<p><i>Elías llevaba horas navegando entre los canales australes y desde el techo de la barcaza, disfrutaba de un paisaje esplendoroso junto a una decena de personas, que indicaban extasiadas hacia algún cerro cortado a pique, o ante la aparición de algún lobo de mar que acompañaba por tramos a «La Pincoya», con rumbo hacia Puerto Chacabuco.</i></p> <p><i>Al atardecer, se encontraron cerca de una pequeña caleta de pescadores. La temperatura declinó abruptamente, provocando que los curiosos turistas ingresaran a la comodidad de sus butacas.</i></p> <p><i>Elías se sentó, esperando que las personas se durmieran pronto. Finalmente, decidió salir, pues aún restaban un par de horas para llegar a Puerto Aguirre y luego de aquel</i></p>	<p>Elias já estava navegando por horas entre os canais austrais e do teto da barcaça, apreciava paisagem exuberante compartilhando essa com uma dezena de pessoas que apontavam, extasiadas para algum morro escarpado, ou para algum lobo do mar que surgia e acompanhava por trechos a <i>La Pincoya</i>, cujo destino era Puerto Chacabuco.</p> <p>Ao entardecer, estavam próximos de uma pequena vila de pescadores. A temperatura caiu abruptamente, fazendo os turistas curiosos retornarem ao conforto dos seus assentos. Elias sentou-se, esperando que as pessoas dormissem logo. Finalmente, decidiu sair, pois ainda faltavam algumas horas para chegar a Puerto Aguirre e depois de lá ainda teria tempo para dormir como os outros, mas antes era necessário conectar-se com o seu eu</p>

lugar habría tiempo para dormir como los demás, pero antes era necesario conectarse con su interior y disfrutar del paisaje nocturno del Canal Moraleda.

Acompañado de una botella de pisco sour que ayudaba a llevar mejor la soledad, se acomodó cerca de los tubos de escape de los motores que se encontraban en el techo. La tibieza alrededor de éstos le permitía soportar la gélida noche austral, rutilante de estrellas y con media botella en el gaznate, la noche se mostraba magnífica.

Estaba observando el movimiento del universo y de improviso, divisó a su derecha a un hombre maduro, vestido de traje oscuro, camisa blanca y pañuelo al cuello, parado sobre la baranda de popa, balanceándose con la clara intención de saltar a las frías aguas.

Instintivamente Elías quiso ayudar, apresurándose a gritarle para evitar lo que parecía inevitable, pero el hombre, después de mirarle con un gesto extraño, saltó al vacío perdiéndose entre la estela de espuma que resaltaba como la línea continua de una carretera en medio del Canal.

Trastornado corrió escaleras abajo, gritando desquiciado que un hombre había saltado al mar. Detuvieron la navegación y le pidieron que relatara lo sucedido, mientras las personas comenzaban a llegar curiosas afuera de la cabina. Decidieron virar y alumbraron con sus potentes focos alógenos,

interior e aproveitar a paisagem noturna do Canal Moraleda.

Acompanhado de uma garrafa de *pisco sour* que ajudava a sobrelevar a solidão, acomodou-se perto dos canos de escape dos motores localizados no teto. O calor emanado em volta deles era o que permitia suportar a gélida noite austral, cintilante de estrelas e com meia garrafa na goela, a noite se mostrava magnífica.

Estava observando o movimento do universo quando, de repente, percebeu à sua direita um homem maduro, vestido de terno escuro, camisa branca e um lenço no pescoço, parado na borda da varanda de popa, que se balançava com a inequívoca intenção de saltar nas frias águas.

Instintivamente, Elias quis ajudar, apressou-se a gritar para o homem e assim evitar o que parecia inevitável, mas ele, depois de dirigir-lhe o olhar e com um gesto estranho, saltou ao vazio perdendo-se no meio de um rastro de espuma que aparecia como a linha contínua de uma rodovia no meio do Canal.

Transtornado, correu escada abaixo, gritando loucamente que um homem tinha pulado no mar. Pararam a navegação e pediram que relatasse o acontecido, enquanto as pessoas começavam a chegar curiosas fora da cabine. Decidiram retornar e iluminaram com seus potentes faróis halógenos, rastrearam a superfície das águas em busca do corpo do

<p><i>rastreando la superficie de las aguas en busca del cuerpo del suicida. Mientras tanto, unos tripulantes se encargaban de pasar revista a la tripulación y pasajeros.</i></p> <p><i>El capitán miraba con desconfianza creciente a Elías al percatarse que éste despedía un fuerte hálito alcohólico. Sin embargo, la sospecha se transformó en convicción cuando determinaron que no había personas faltantes en «La Pincoya», tripulación y pasajeros se encontraban presentes.</i></p> <p><i>—¡Borracho imbécil, estás alucinando, vete a dormir! —le increpó una mujer.</i></p> <p><i>—¡Cómo es posible que le crean a este estúpido alcohólico! —exclamó un hombre viejo.</i></p> <p><i>Las recriminaciones se multiplicaron y Elías comenzó a verse en problemas, pero estaba seguro de haber visto a un hombre saltar a las aguas. Cómo podría guardar silencio ante tal hecho, su deber era comunicar la emergencia, las consecuencias que aquel acto le acarrearían eran harina de otro costal, eso le entregaba algo de serenidad ante un ambiente hostil que se comenzaba a encender a su alrededor. Para salvaguardar su integridad, decidieron detenerle en el cuarto de máquinas, mas no intentó resistirse. Buscaba explicaciones convincentes para lo sucedido, y comentaba en voz alta haber visto a un hombre de pelo</i></p>	<p>suicida. Entretanto, alguns tripulantes se encarregaram da contagem da tripulação e dos passageiros.</p> <p>O capitão olhava com desconfiança cada vez maior para Elias ao perceber que ele expelia um forte bafo de álcool. No entanto, a suspeita se transformou em convicção quando sentenciaram que não faltavam pessoas no <i>La Pincoya</i>, tripulação e passageiros estavam todos a bordo.</p> <p>- Bêbado idiota, você está alucinando, vai dormir! – vociferou uma mulher.</p> <p>- Como é possível que acreditem neste bêbado estúpido! – exclamou um homem mais velho.</p> <p>As recriminações se multiplicaram e Elias percebeu que estava com problemas, mas estava certo de que tinha visto um homem pular na água. Como iria ficar em silêncio diante desse fato? Seu dever era informar a ocorrência, e as consequências geradas por conta daquela atitude eram farinha de outro saco, e isso era o que o deixava um pouco mais sereno perante o ambiente hostil que começava a desenhar-se ao seu redor. Para salvaguardar a sua integridade, decidiram detê-lo na sala das máquinas, mas nem tentou resistir. Buscava explicações convincentes para o acontecido, e comentava em voz alta sobre ter visto um homem de cabelos grisalhos, magro e olhar penetrante. Podia ser algum infiltrado.</p>
--	--

cano, delgado y mirada penetrante. Tal vez se trataba de algún polizonte¹.

Quizás hayan contado mal —añadía. Pero cada vez los tripulantes le miraban con mayor impaciencia, así es que optó por callar.

Minutos más tarde le comunicaron que por orden del Capitán sería desembarcado en Puerto Aguirre. No podía continuar viajando en la condición de detenido, sus captores argumentaban que devolverlo a la sala de pasajeros era peligroso. Esta vez sí protestó, aunque sin demasiada convicción. Su reproche denotaba resignación, ya no quería saber nada más del asunto. La cabeza le daba vueltas y el cansancio físico y mental estaba haciendo mella en sus certezas.

A media noche la barcaza recaló en Puerto Aguirre, el pueblo parecía precipitado al mar. Esas pequeñas luces filtradas de las ventanas resplandecían ante la inmensidad oscura de un cielo ausente. Pensó bajar en silencio, pasar desapercibido, pero no fue así. Le maldecían desde lo alto, debiendo agachar la cabeza y caminar rápidamente entre los vehículos de cubierta. A su vez, sentía que los pasajeros que iban abordando lo miraban con rabia, intuyendo que la noticia se había comunicado por radio y que todos estaban enterados y furiosos, al tener

Talvez tinham somado errado – dizia. Mas, a cada fala, os tripulantes o olhavam mais impacientes, então preferiu ficar calado.

Minutos depois foi comunicado que seria desembarcado em Puerto Aguirre por ordem do Capitão. Não podia continuar viajando como detido, e seus captores argumentavam que devolvê-lo para a sala dos passageiros era perigoso. Desta vez, sim, protestou, mas sem muita convicção. Seu protesto denotava resignação, já não queria saber mais nada do assunto. A cabeça rodava e o cansaço físico e mental esburacavam suas certezas.

À meia-noite, a barcaça chegou a Puerto Aguirre, a vila parecia jogada ao mar. As pequenas luzes filtradas pelas janelas resplandeciam diante da imensidão escura de um céu ausente. Quis descer em silêncio, passar despercebido, mas não foi assim. O amaldiçoavam desde o alto, tendo que abaixar a cabeça e caminhar rapidamente entre os veículos no convés. Por sua vez, sentia que os passageiros que embarcavam o olhavam com raiva, intuiu que a notícia tinha sido difundida pelo rádio e que todos estavam a par e furiosos, porque tiveram que esperar a barcaça noite adentro, por culpa de um ébrio enlouquecido.

¹ N. T.: De acordo com o autor deste conto, Aldo A. Cuadra, esta palavra é de fato *polizón*, e não *polizonte*, como figura na edição do texto fonte.

que esperar la barcaza en medio de la noche, por culpa de un ebrio enloquecido.

Intentó salir del muelle lo más rápido que pudo, esquivando a las personas que acarreaban sus equipajes, mientras un camión descendió lentamente por la rampla. Seguro todos tendrían donde quedarse — pensó—, y mucho menos me darán hospedaje a mí. Elías no conocía el pueblo, una serie de edificaciones verticales sobre un abrupto cerro, en medio de la oscuridad y el silencio. Esta imagen lo llenaba de desaliento.

«La Alejandrina», otra de las barcazas, no pasaría sino hasta el mediodía por lo tanto debía esperar en algún sitio. Las nubes y un viento frío iniciaban su desenfreno, una tormenta estaba próxima. No debió pensar mucho sobre qué hacer para resguardarse, ya que luego de iniciar su vagabundeo por el pueblo, a unas cuantas casas del muelle, un pequeño letrero en el que se leía «Bar-Restorán Don Fausto» le devolvieron el alma al cuerpo. Ingresó por una gran puerta de madera, tallada con imágenes de naufragios y sirenas. En su interior, lámparas a kerosene emitían una luz danzante, movidiza, que le daba un aspecto mágico al lugar. Sin embargo, no sintió la temperatura agradable que imaginó encontrar al interior de la edificación, y una ráfaga de aire marino le caló los huesos como lo hacen los malos presentimientos. Aún estaba reponiéndose de su decepción cuando un ladrido bronco lo

Tentou sair do cais o mais rápido que podia, esquivando às pessoas que carregavam suas bagagens, enquanto um caminhão desceu lentamente pela rampa. Certamente todos teriam onde ficar – pensou – e com certeza não darão hospedagem logo a mim. Elias não conhecia a vila, uma série de edificações verticais sobre um morro escarpado, no meio da escuridão e do silêncio. Esta imagem o enchia de desalento.

La Alejandrina, outra das barcaças, não passaria por ali se não até meio dia, portanto devia esperar em algum lugar. As nuvens e um vento frio iniciavam seu desvario, uma tormenta se aproximava. Não precisou pensar muito sobre o que fazer para proteger-se, porque ao iniciar seu vagabundeio pela vila, logo a uma pouca distância do cais, um pequeno letreiro indicava *Bar-Restorán Don Fausto* e isso o reconfortou. Entrou pela enorme porta de madeira toda entalhada com imagens de naufrágios e sereias. No interior, luminárias de querosene emitiam uma luz bruxuleante, tremulante, que dava um aspecto mágico ao lugar. No entanto, não sentiu a temperatura agradável como imaginava encontrar no interior da edificação, e uma rajada de ar marinho penetrou até seus ossos tal como fazem os maus pressentimentos. Ainda estava se recompondo da sua decepção quando um latido grave o desconcertou, afogando um grito de espanto. Três homens encontravam-

descolocó, ahogando un grito de espanto. Tres hombres se encontraban en el mesón del bar, quienes al observar la situación no pudieron evitar reírse de manera burlesca. El perro San Bernardo luego del ladrido, retornó a un profundo sueño.

—Buenas noches amigo, ¿qué lo trae por aquí a estas horas?

—Estoy en busca de alojamiento —respondió secamente Elías cansado de las burlas y los malos tratos.

—Ha llegado al lugar adecuado, pero antes acompáñenos con una cañita de vino. Imagino que no tendrá sueño —habló el cantinero.

—¡No, claro que no...! falta me hace ese vinito, sírvame no más —habló con más confianza.

—¿Y por qué tanta falta oiga? —dijo uno de los parroquianos— ¿acaso vio un fantasma... oiga?

—En realidad no sé qué es lo que vi, pero de que lo vi, lo vi —respondió Elías algo dubitativo y triste.

—Qué cosa, no me diga que usted es el ñor de «La Pincoya» —preguntó otro de los contertulios.

El silencio se apoderó del lugar, expectantes esperaban la confirmación de la respuesta que ya conocían. Sus semblantes dejaron de ser burlescos y se hicieron algo sombríos

se no balcão do bar, que ao observarem a situação não conseguiram evitar uma risada zombeteira. O cão São Bernardo, após o latido, retornou a um sono profundo.

– Boa noite, amigo! O que o traz por aqui a estas horas?

– Estou procurando alojamento – respondeu secamente Elias, cansado das chacotas e dos maus-tratos.

– Chegou no lugar certo, mas antes nos acompanhe com uma tacinha de vinho. Imagino que não está com sono – disse o taberneiro.

– Não, claro que não...! Tá me fazendo falta esse gole de vinho, sirva logo – falou mais confiante.

– E por que tanta vontade, hein? – disse um dos paroquianos – Por acaso viu um fantasma... hein?

– Na verdade não sei dizer o que foi que eu vi, mas, que eu vi alguém, disso eu tenho certeza – respondeu Elias um pouco hesitante e triste.

– Que coisa, não me diga que você é o sinhô do *La Pincoya* – perguntou outro dos frequentadores.

O silêncio tomou conta do lugar, expectantes esperavam a confirmação da resposta que já conheciam. Seus semblantes deixaram de ser zombeteiros e se tornaram sombrios enquanto o dono do bar enchia os copos de um vinho tinto escuro e aromático.

<p><i>mientras el cantinero rellenaba los vasos de un vino tinto oscuro y aromático.</i></p> <p>—<i>Sí... pero estoy seguro de haberlo visto saltar, estaba como a seis metros de mí. —y continuó con la descripción que hiciera ya tantas veces.</i></p> <p><i>Los tres hombres lo miraron con un dejo de compasión.</i></p> <p>—<i>Seguramente ustedes tampoco me creerán, seguro piensan que estoy loco o que estaba demasiado borracho, pero se los reitero, ese hombre saltó al vacío, lo vi nítidamente brincar y perderse en la espuma. Los hombres se miraron entre sí con complicidad.</i></p> <p>—<i>¿Me creen verdad? Ustedes saben de lo que hablo.</i></p> <p>—<i>Mire, la verdad es que no nos sorprende. Los antiguos dicen que en el Canal se puede ver, en ciertas épocas del año, a un Suicidante... seguro que usted vio a uno de esos. Los mayores culpaban a los Suicidantes de los accidentes en el Canal y...</i></p> <p>—<i>¿Cómo accidentes?</i></p> <p>—<i>Sí, de las personas que se han arrojado al agua para intentar salvar al Suicidante. La mayoría no regresa, sus cuerpos desaparecen, se los traga el Moraleda.</i></p> <p>—<i>¿Y por qué nadie me dijo esto, por qué todos me creyeron loco?</i></p> <p>—<i>Son muy pocos los que creen en estas cosas, algunos se ríen de los creyentes...</i></p>	<p>– Sim..., mas estou certo de ter visto alguém pular, estava mais ou menos seis metros de distância de mim. - E seguiu com a mesma descrição que já fizera tantas vezes.</p> <p>Os três homens olharam para ele com um ar de compaixão.</p> <p>– Certamente vocês também não acreditarão, e com certeza pensam que estou louco ou que estava muito bêbado, mas reafirmo, esse homem saltou no vazio, pude ver claramente pular e se perder na espuma. Os homens se olharam com cumplicidade.</p> <p>– Acreditam em mim, não é? Vocês sabem do que estou falando.</p> <p>– Olhe, a <i>verdá</i> é que não nos surpreende. Os antigos dizem que no Canal dá pra ver, em algumas épocas do ano, um Suicidante... certamente <i>cê</i> viu um desses. Os mais velhos culpavam os Suicidantes pelos acidentes acontecidos no Canal e...</p> <p>– Acidentes? Como assim?</p> <p>– Sim, das pessoas que se jogaram na água para tentar salvar o Suicidante. A maioria não volta, seus corpos desaparecem, e são engolidos pelo Moraleda.</p> <p>– E por que ninguém me falou isso? Por que todos pensaram que eu estava louco?</p> <p>– São muito poucos os que acreditam nestas coisas, alguns riem dos crédulos... dizem que as pessoas se matam porque não querem viver, e o resto é pura mentira. Invenções para</p>
---	---

dicen que la gente se mata porque no quiere vivir, que lo demás es pura mentira. Un invento para asustar a los niños y a las mujeres en las noches de tormenta.

—Entonces, según ustedes, lo que vi es un fantasma, no era un ser humano, por eso no faltaba nadie en la barcaza. O sea que no estoy loco, no fue mi imaginación. Elías tomó su vaso y se lo bebió al seco.

El perro, que hasta ese momento sólo se había movido para ladrarle, se incorporó para ir caminando hasta un rincón de la cantina y desaparecer. Elías observó sorprendido cómo de aquel lugar oscuro manaba un hilillo de agua fosforescente que corría abriéndose paso lentamente por el entablado del piso hasta el centro de la habitación.

Los cuatro hombres miraban la escena sin hablar, mientras los parroquianos y el cantinero estaban embobados con la visión. Elías, confundido, se sentía partícipe de una atmósfera irreal en que la solidez de los objetos comenzaba a difuminarse. El fluido se detuvo de improviso en el centro de la habitación y comenzó a concentrarse en un pequeño remolino, el que fue elevándose como uno de esos tornados de polvo que perseguía en su infancia para entrever al diablo en su interior. El perro ahora ladraba ronca y pausadamente dirigiéndose lentamente hacia Elías que no le prestaba

assustar crianças e mulheres nas noites de tormenta.

– Então, de acordo com vocês, o que eu vi é um fantasma, não era um ser humano, por isso não faltava ninguém na barcaça. Ou seja, não estou louco e não foi minha imaginação. Elias pegou seu copo e tragou em seco.

O cachorro, que até esse momento tinha se movido apenas com o fim de latir para ele, levantou-se e andou até um canto da cantina e desapareceu. Elias observou surpreso como daquele lugar escuro manava um fiozinho de água fosforescente que fluía lentamente, abrindo caminho pelas madeiras do piso até o centro do salão.

Os quatro homens olhavam a cena sem falar, enquanto os paroquianos e o taberneiro estavam estupefatos com a visão. Elias, confuso, se sentia partícipe de uma atmosfera irreal em que a solidez dos objetos começava a esfumar-se. O fluído se deteve de repente no centro do salão e começou a transformar-se em um pequeno redemoinho, elevando-se igual a um daqueles tornados de poeira que perseguia em sua infância para entreolhar o diabo no seu interior. Agora, o cão latia rouco e pausadamente, dirigindo-se lentamente até Elias, que não lhe dava nenhuma atenção. O redemoinho se deteve, iniciando-se a materialização de uma forma humanoide.

<p><i>mayor atención. El remolino se detuvo iniciándose la materialización de una forma humanoide.</i></p> <p><i>—Ha sido capaz de seguirte hasta aquí. Debiste lanzarte tras él cuando pudiste, ¡cobarde! —le espetó el cantinero con una voz sombría.</i></p> <p><i>Elías volteó para observar al cantinero con una mirada desencajada, ¿a qué se refería con eso de lanzarse tras él?</i></p> <p><i>—Acércate, he venido por ti —habló la figura en un tono imperativo y con voz de ultratumba.</i></p> <p><i>—¡No puede ser, esto no es real!, ¡Dios mío, me está mirando!</i></p> <p><i>Inmediatamente los hombres lo tomaron de ambos brazos para llevarlo ante la presencia de aquel ser. Pese al miedo que la situación le causaba, logró sentir que las manos que lo cogían se enredaban presionando con fuerza, no eran dedos los que ejercían presión, sino unos tentáculos fosfóricos. Estuvo a punto de desmayarse cuando los observó nuevamente, percatándose de que sus rostros estaban formados por una carne reblandecida, que denotaba la ausencia de ojos, nariz y boca, sólo se apreciaban agujeros en donde supuestamente estos órganos debían ir. Además, por vez primera se percató del fuerte olor a pescado en descomposición. Mientras gritaba e intentaba con todas sus fuerzas desprenderse de los tentáculos tropezó con el perro que gruñó</i></p>	<p>– Foi capaz de te seguir até aqui. Você devia ter se lançado atrás dele quando podias, covarde! – alfinetou o cantineiro com uma voz sombria.</p> <p>Elias virou-se para observar o dono do bar com um olhar perplexo. A que se referia com isso de se atirar logo atrás dele?</p> <p>– Aproxime-se, vim te buscar - falou a figura em um tom imperativo e com voz sepulcral.</p> <p>– Não pode ser, isto não é real! Meu Deus, tá me olhando!</p> <p>Imediatamente os homens o tomaram pelos braços para levá-lo diante daquele ser. Apesar do medo que a situação provocava nele, conseguiu sentir que as mãos que o seguravam se entrelaçavam pressionando com força, e não eram os dedos que exerciam pressão, mas uns tentáculos fosfóricos. Quase desmaiou quando os observou novamente, entendendo que os rostos eram feitos de uma carne flácida, que evidenciava ausência de olhos, nariz e boca, e só se notavam buracos onde supostamente esses órgãos deveriam estar. Além disso, pela primeira vez se deu conta do forte cheiro a peixe em decomposição. Enquanto gritava e tentava com todas suas forças desvencilhar-se dos tentáculos tropeçou no cão que rosou agressivamente, mas já não era igual a antes, agora era um lobo marinho imenso de pelagem dourada que se deslizava sobre seu corpo impulsionado pelas suas nadadeiras. De repente, encontrou-se debaixo de um</p>
--	--

agresivamente, pero ya no era igual, ahora era un lobo marino inmenso de pelaje dorado que se deslizaba sobre su cuerpo impulsado con sus aletas. De pronto, se encontró bajo un muelle, con las olas rompiendo en los pilares, las algas acumulándose a su alrededor, pudiendo sentir la frialdad del agua salada. El sonido del mar llenábale los oídos. Pese a lo demencial de los sucesos que estaba viviendo, Elías, resignado, se sometió a sus captores. Entendía vagamente que no sería posible escapar de lo que seguramente era su destino. Las palabras «he venido por ti» resonaban en su interior como un mandato imposible de contradecir.

El Suicidante se acercó y comenzó a disolverse en una especie de espuma seminal que ingresó por sus orificios nasales, por su garganta, los oídos, el ano.

Esta substancia invadía su interior repletándolo de sal. Sus ojos estallaron y de ellos brotó sangre en forma de coágulos que inmediatamente fue consumida por cangrejos y langostas que habían acudido a darse un festín con las entrañas que se precipitaron de su boca y recto. El cuerpo deforme se hincharía hasta explotar. Todo esto Elías lo sentía desgarradoramente, el dolor le mantenía vivo, una sensación de ardor interno, una ebullición visceral que lo llevaba a los límites de la muerte.

Más tarde comprendería que se había saltado la muerte, que su transformación era

trapiche, com as ondas quebrando contra os pilares, as algas acumulando-se ao seu redor, podendo sentir o frio da água salgada. O som do mar enchia seus ouvidos. Apesar da insanidade dos acontecimentos que vivenciava, Elias, resignado, submeteu-se aos seus sequestradores. Entendia vagamente que não seria possível escapar do que certamente era seu destino. As palavras “vim te buscar” ecoavam no seu interior como um mandato impossível de contradizer.

O Suicidante se aproximou e começou a dissolver-se em uma espécie de espuma seminal que entrou pelos seus orifícios nasais, por sua garganta, os ouvidos, o ânus. A substância invadia seu interior e o inundou de sal. Seus olhos explodiram e deles brotaram coágulos de sangue imediatamente consumidos por caranguejos e lagostas que tinham vindo para fazer um festim com as entranhas jorradadas pela boca e o reto. O corpo disforme iria inchar até explodir. Tudo isto Elias sentia descarnando-se, a dor o mantinha vivo, uma sensação de ardência interna, uma ebulição visceral que o levava aos limites da morte.

Mais tarde, ele compreenderia que tinha driblado a morte, e que sua transformação era a passagem de um estado a outro. Enquanto boiava junto ao sargaço, arrastado pelas correntes em direção ao Moraleda, e o seu simulacro de corpo servia de habitat para crustáceos, se perguntava que sentido tinha

<p><i>el paso de un estado a otro. Mientras flotaba junto al sargazo arrastrado por las corrientes en dirección del Moraleda, y su remedo de cuerpo servía de hábitat para crustáceos, se preguntaba qué sentido tenía todo esto o en qué se había convertido. Cómo el haber observado accidentalmente al Suicidante le había llevado a esta situación desesperada. Pensaba que esto debía ser lo que llaman infierno en la tierra, pero qué había hecho para merecerlo. Pero en ¿qué se había convertido, ¿cuál era su función? Lo cierto es que jamás tendría real consciencia de su estado, no al menos lo que nosotros, los seres humanos, conocemos por consciencia.</i></p>	<p>tudo isto ou no que tinha se transformado. Como o fato de ter visto por acaso o Suicidante o tinha levado a esta situação tenebrosa? Pensava que isto era o que chamam de inferno na terra, mas, que tinha feito para merecê-lo? E, no que tinha se transformado? Qual era seu papel? O certo é que jamais teria a real consciência do seu estado, pelo menos, não o que nós, seres humanos, conhecemos por consciência.</p>
---	---

¹ Aldo Astete Cuadra. Escritor chileno. Mestre em Literatura hispano-americana contemporânea pela Universidad Austral de Chile.

² Mara Gonzalez BEZERRA – Doutora em Estudos da Tradução (2016) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Literatura (2011) e Licenciada em Língua e Literatura Espanhola (2008) pela mesma universidade. Bacharel em Educação Religiosa (1989) pelo Instituto Batista de Educação Religiosa. Atualmente realiza estágio pós-doutoral (2017) na Pós-graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0696362088302744> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8390-5910> E-mail: mara.gonzalez.letas@gmail.com

³ Mary Anne Warken Soares SOBOTTKA – Doutoranda e Mestre (2017) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Língua e Literatura Espanhola (2014) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7707356833300677> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4448-525X> E-mail: warkenespanholufsc@gmail.com

⁴ N. T.: A tradução deste conto foi autorizada, via e-mail, pelo escritor Aldo Astete Cuadra, ao qual agradecemos imensamente a gentileza pela autorização de traduzir e publicar o conto em questão. Agradecemos também ao ilustrador Fabián Rivas Belmar por ter nos autorizado, por e-mail, utilizar a ilustração publicada com o conto.

⁵ A definição de terror láríco a seguir foi transcrita exatamente como o autor respondeu ao ser perguntado sobre o que seria a definição do gênero: “se inmiscuye en lo cotidiano de la FRONTERA, de ese espacio pueblerino en el que la tradición vista como un recuerdo imposible de traer al presente gatilla en el lector la memoria de la infancia en un espacio bucólico, en el centro de la edad de oro. No confundir con el relato costumbrista, sino que, con el fantástico gótico, pero, en vez de castillos y mansiones, lo situamos en el descampado y en lo rural, en lo eriazó y lo atemporal”.

⁶ HARRIS, Thomas. Contracapa. In: CUADRA, Aldo Astete. **El Suicidante del Moraleda**. In: Chile del Terror III, Mare Monstrum. Paulo Lehman (orgs). Valdivia: Austrobórea Editores, 2017. Saiba mais sobre Thomas Harris. Disponível em: <<https://goo.gl/qgLQ8h>>. Acesso em 05 jun 2018.

⁷ N.de.T.: A tradução deste conto foi autorizada, via e-mail, pelo autor, Prof. Aldo Andrés Astete Cuadra, em março de 2018. Agradecemos a gentileza pela autorização para que pudéssemos traduzir e publicar o conto referenciado. CUADRA, Aldo Astete. El Suicidante del Moraleda. In: *Chile del Terror III*, Mare Monstrum. Paulo Lehman (orgs). Valdivia: Austrobórea Editores, 2017. Disponível em: <<http://chiledelterror.blogspot.com.br/2012/10/el-suicidante-del-moraleda-por-aldo.html>>. Último acesso em: 10 março 2018.